

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA CURSO DE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LIANE LANESSA DA SILVA ALVES

**ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO
PROCESSO DE ENSINO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Tabatinga – AM

2023

LIANE LANESSA DA SILVA ALVES

**ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO
PROCESSO DE ENSINO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Universidade do
Estado do Amazonas – UEA, Centro de
Estudos Superiores de Tabatinga – CESTB,
como requisito para obtenção de grau de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Jocicleia Souza Printes

**Tabatinga – AM
2023**

LIANE LANESSA DA SILVA ALVES

**ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO
PROCESSO DE ENSINO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Universidade do
Estado do Amazonas – UEA, Centro de Estudos
Superiores de Tabatinga – CESTB, como
requisito para obtenção de grau de Licenciada
em Pedagogia.

Orientadora Prof.^a Dra. Jocicleia Souza Printes

Aprovado em _____ de _____ de 2023.

BANCA AVALIADORA

Dra. Jocicleia Souza Printes - Presidente
UEA/CESTB

Dra. Sonia Claudia da Rocha Fonseca - Membro
SEMED Manaus - AM

Esp. Eveline de Paula Moraes Santos - Membro
SEMED Tabatinga - AM

**Tabatinga – AM
2023**

Dedico este trabalho ao meu Deus por ter me dado a vida e a oportunidade de concluir esta graduação, pois sem ele, eu não teria chegado até aqui e que toda a minha história seja escrita por ele.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro momento, agradeço a Deus por ter me permitindo chegar a conclusão deste trabalho, me concedendo saúde física e mental, de modo que essa trajetória percorrida foi muito especial, onde pude conhecer a área da educação e o curso de pedagogia.

Para a elaboração deste trabalho foi preciso muitas leituras, pesquisas e perseverança, havendo dias de bastante compreensão e dias com pouca assimilação. Sendo assim, um processo marcado por descobertas e aprimoramento, sendo fundamental para o meu crescimento profissional. Pois com essa pesquisa, pude adquirir um aprendizado que jamais alcançaria de outra forma.

Por isso agradeço a todos que estiveram ao meu lado nesta produção me dando ânimo e palavras de incentivo.

Aos meus pais Vitor Hilário e Alderina Rodrigues, que não medem esforço para me ver bem e fazem parte da minha formação de caráter.

Às minhas irmãs, ao João Victor, a minha melhor amiga Ana Paula e ao Luis, porque sei que eles torcem muito por mim.

Também agradeço a minha professora e orientadora Dra. Jocicleia Printes que me apresentou a está linda temática, me oferecendo a oportunidade de conhecer o núcleo de Alfabetização Humanizadora e a sua contribuição para a construção deste trabalho.

Enfim sou muito grata por concluir esta etapa da minha trajetória.

*“Não temas, porque eu estou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça”.
(Isaías 41:10)*

RESUMO

Esta pesquisa possui como tema “Alfabetização Humanizadora: Desafios e possibilidades no processo de Ensino dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”. Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa busca discutir sobre a perspectiva da alfabetização humanizadora para o processo educacional dos alunos que estão inseridos nos anos iniciais, bem como enfatizar acerca dos desafios e perspectivas da prática docente e a relação da alfabetização humanizadora no ambiente escolar, além de descrever a importância da alfabetização humanizadora no processo ensino aprendizagem. Acreditamos que esse debate ajudará o professor a refletir sobre a alfabetização humanizadora, bem como fazer uma reflexão acerca do seu próprio fazer pedagógico levando em conta a realidade dos educandos. A metodologia adotada para desenvolver este trabalho se apresenta alinhada a proposta do estudo por meio da revisão bibliográfica a fim de trazer este debate para o município de Tabatinga-AM. O estado da arte e os estudos realizados ao longo dos meses de construção do projeto nos permitiu concluir sobre a necessidade e importância de considerar a alfabetização como um espaço de humanização. Para isso, há a necessidade de políticas de investimentos em infraestrutura e formação continuada para professores, visando melhorar sua metodologia de ensino e formas de alcançar todas as crianças no processo de alfabetização. Por meio desta discussão, esperamos contribuir para a superação dos desafios e de fato as perspectivas venham ser superadas, visando proporcionar uma reflexão sobre a importância da alfabetização humanizadora na educação das crianças.

Palavras-chave: Alfabetização; Alfabetização Humanizadora; Desafios; Processo.

RESUMEN

Esta investigación tiene como tema “Humanizar la Alfabetización: Desafíos y posibilidades en el proceso de Enseñanza de los Primeros Años de la Enseñanza Fundamental”. En ese sentido, el objetivo general de esta investigación busca discutir la perspectiva de la alfabetización humanizadora para el proceso educativo de los estudiantes que se insertan en los años iniciales, así como enfatizar sobre los desafíos y perspectivas de la práctica docente y la relación de la alfabetización humanizadora en el ámbito escolar, además de describir la importancia de la alfabetización humanizadora en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Creemos que este debate ayudará a los docentes a reflexionar sobre la alfabetización humanizadora, así como a reflexionar sobre su propio trabajo pedagógico, teniendo en cuenta la realidad de los estudiantes. La metodología adoptada para desarrollar este trabajo está alineada con la propuesta del estudio a través de una revisión bibliográfica con el fin de llevar este debate al municipio de Tabatinga-AM. El estado del arte y los estudios realizados a lo largo de los meses de construcción del proyecto permitieron concluir sobre la necesidad e importancia de considerar la alfabetización como un espacio de humanización. Para ello, se requieren políticas de inversión en infraestructura y formación continua de los docentes, con el objetivo de mejorar su metodología de enseñanza y formas de llegar a todos los niños en el proceso de alfabetización. A través de esta discusión, esperamos contribuir a la superación de los desafíos y, de hecho, las perspectivas serán superadas, con el objetivo de proporcionar una reflexión sobre la importancia de la alfabetización humanizadora en la educación infantil.

Palabras llave: Alfabetización; Alfabetización humanizada; Desafíos; Proceso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1.1 BREVES APONTAMENTOS SOBRE O PERCURSO HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO	12
1.1.1 Breves reflexões sobre alfabetização no Brasil	14
1.2 A QUESTÃO DOS MÉTODOS.....	19
1.3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	20
1.4 A FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS.....	22
1.5 ESCRITA COMO INSTRUMENTO CULTURAL COMPLEXO	25
1.6 A FORMAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA CRIADA PELO NÚCLEO DO NAHUM: OBJETIVO, PROCESSO E ADJETIVAÇÃO	28
2 METODOLOGIA	34
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	37
3.1 Análise do Boletim 2	37
3.2 Análise do Boletim 3	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Este estudo propõe desenvolver uma reflexão acerca da Alfabetização Humanizadora, relacionando os desafios e possibilidades nos anos iniciais com o intuito de contribuir no processo ensino aprendizagem dos educandos e cuja área de ensino vem enfrentando diversas transformações decorrentes do processo de modernização e globalização, o que vem promovendo esse interesse pelos debates e publicações sobre o tema.

O assunto referente a pesquisa nos remete a algumas reflexões dentro do cotidiano escolar, porque quando nos referimos a métodos de leitura, levamos em consideração os métodos de ensino que a docente alfabetizadora¹ usa como recurso pedagógico em sua prática de ensino para alfabetizar seus alunos dos anos iniciais.

O intuito inicial desta pesquisa foi aprender mais sobre o tema uma vez que as disciplinas de Alfabetização e Letramento suscitaram muitos questionamentos que me fizeram repensar a maneira que fui alfabetizada e como atuei como professora alfabetizadora. Por meios dos autores apresentados nos referenciais das disciplinas, fomos discutindo o quão a leitura e escrita são fundamentais na vida e formação do educador e que há vários tipos de métodos que a professora poderá utilizar em sua prática pedagógica para que seus alunos possam obter um bom processo de alfabetização.

Como essa realidade tem refletido nos ambientes educacionais, as educadoras têm necessidade de continuarem estudando e conhecerem novas metodologias de ensino que trazem outras formas de aprendizado, tanto para a educadora quanto para as crianças, para estimular e desenvolver as habilidades dos alunos que necessitam desta ferramenta essencial para viver em sociedade, a qual é essencial para a aquisição do conhecimento geral.

O interesse pelo tema surgiu por meio dos desafios ocasionados pela dificuldade que alguns estudantes demonstram ao longo do percurso formativo, pois a importância que o papel da alfabetização exerce na vida pessoa é enorme. Em vista disso, faz-se necessário estarmos estudando e nos atualizando sobre propostas que podem auxiliar no processo de ensino aprendizagem. Diante da importância da

¹ Trataremos o termo professor no feminino pela ampla maioria da presença de professoras nas classes de alfabetização.

alfabetização nos anos iniciais na educação escolar, a problemática da pesquisa visou responder algumas questões que direcionam ao tema a ser investigados, como: por que algumas crianças têm mais dificuldades em seu processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita? Que conhecimentos as professoras alfabetizadoras devem possuir para alfabetizar? Que métodos de escrita e leitura deve serem trabalhados em sala de aula? E que contribuição os métodos trabalhados trazem para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos?

Com a complexidade desse universo, que inviabilizaria uma abordagem mais profunda, correndo o risco de uma exposição rasa, decidiu-se por um recorte a importância e os principais desafios da alfabetização a partir do olhar da discussão a partir da perspectiva da Alfabetização Humanizadora e a importância dessa construção no processo de ensino aprendizagem em sala de aula.

A Alfabetização Humanizadora é a discussão central do NAHum – Núcleo de Alfabetização Humanizadora. O grupo foi criado por três doutores da área da educação, tendo como fundador principal o Dr. Dagoberto Buim Arena, que é escritor, pesquisador e professor Livre-docente pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Também temos a Dra. Stela Muller e a Dra. Elianeth Dias na condução dos trabalhos, que conta com a participação de professores universitários, professoras da educação básica, pesquisadores da área de alfabetização e alunos do curso de pedagogia. Podemos acompanhar o trabalho do Núcleo por meio do site, em especial pelos boletins NAHum, que é onde disponibilizam informações, propostas e demais referências sobre a Alfabetização Humanizadora.

O Núcleo não conceituou o termo Alfabetização Humanizadora, explicando que sua intenção é formar alunos como seres pensantes que conseguem fazer usos dos conhecimentos adquiridos no processo de ensino-aprendizagem de modo que entendem o mundo em que vivem, agindo de maneira ativa e responsável.

(NAHUM,BOLE TIM N.1, 2020, p.1).

O Núcleo de Alfabetização Humanizadora tem o objetivo de trabalho voltado para as discussões teóricas e práticas sobre a alfabetização utilizadas nas escolas, constituindo um grupo de pessoas que veem que a alfabetização precisa de mudanças, principalmente estando ligada ao aspecto histórico-cultural do aluno.

Dessa forma, buscamos alcançar como objetivo geral discutir sobre a perspectiva da alfabetização humanizadora para o processo educacional dos alunos dos anos iniciais, destacando, para isso, ênfase nos desafios e perspectivas da prática docente e a relação da alfabetização humanizadora no ambiente escolar. Como objetivos específicos tivemos de conhecer o debate promovido pelos grupos de pesquisa que debatem alfabetização numa perspectiva mais humanizadora e analisar os boletins do Núcleo de Alfabetização Humanizadora - NAHum.

Construímos a escrita na crença de uma prática capaz de auxiliar a professora quanto a reflexão acerca do seu próprio fazer pedagógico, sempre levando em conta sua realidade, visando superar os principais desafios da alfabetização atualmente, como também oferecer um caminho para estudantes do curso de Pedagogia interessados e ampliar a discussão sobre alfabetização.

Diante disso, em termos de estrutura, a discussão foi organizada de forma a contemplar, no capítulo I, um breve histórico da alfabetização. Também discutimos sobre a questão dos métodos e o debate em torno dos termos alfabetização e letramento. Falamos sobre formação das professoras, a importância da alfabetização no processo de ensino aprendizagem como um instrumento cultural complexo e as perspectivas e os desafios dos professores no cotidiano escolar. Apresentamos o NAHum e a discussão sobre Alfabetização Humanizadora.

O capítulo II explica a metodologia utilizada nesta pesquisa, que foi estruturada a partir da revisão bibliográfica. A fim de ampliar nossa compreensão sobre Alfabetização Humanizadora, fizemos, no capítulo III, a apresentação dos resultados da pesquisa, resultado de uma análise de dois boletins do NAHum: o boletim número 02, de janeiro/fevereiro de 2021 e o boletim número 03, de março/abril de 2021.

Nas considerações finais foi possível fazer um panorama dos desafios e perspectivas encontradas no decorrer da pesquisa, que nos possibilitou enxergar de forma proveitosa que existem trabalhos que estão sendo relevantes para inspirar as educadoras acerca da importância de práticas que considerem a criança como um ser que pensa e age sobre o mundo.

Buscamos, através desta pesquisa, contribuir com estudantes do curso de pedagogia que estão em formação, com as professoras alfabetizadoras e interessados pela discussão sobre alfabetização e em especial, sobre a Alfabetização Humanizadora e o novo olhar sobre a sua inserção na educação escolar.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem por finalidade apresentar a discussão teórica desenvolvida para sustentar a pesquisa referenciada bibliograficamente. Esse estudo buscou fundamentação nas teorias e conceitos aqui apresentados, de forma que possamos desenvolver uma abordagem que permita uma reflexão sobre o tema, que venha contribuir para que haja um ensino com qualidade na formação das crianças.

1.1 BREVES APONTAMENTOS SOBRE O PERCURSO HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é um processo que se inicia formalmente quando a criança é inserida na escola, mas é precisamente no primeiro ano do ensino fundamental que o professor começa a trabalhar os métodos de leitura e escrita segundo o currículo. Antigamente as crianças eram alfabetizadas de uma forma e hoje em dia, algumas coisas deixaram de ser praticadas e até mesmo modificadas. Por isso, se faz importante conhecer e estudar a história da alfabetização, porque é a partir dela que a criança se apropria do ato de ler e escrever, colaborando para a efetivação da sua aprendizagem.

A história da alfabetização foi dividida em quatro etapas. A primeira que deu início na Antiguidade indo até a Idade Média com a prevalência do uso da soletração; a segunda que foi do século XVI até o XVIII em oposição a soletração e é quando surge os métodos sintéticos e analíticos; a terceira que deu início na metade de 1980 a partir das pesquisas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky e por fim, surgiu a quarta etapa, denominada de “reinvenção da alfabetização”, com uma metodologia baseada na sociolinguística e na psicolinguística (MENDONÇA, 2011, p.23).

Na antiguidade houve o surgimento do alfabeto e do primeiro método de ensino chamado de soletração. Conforme Mendonça (2011, p.24) “iniciava-se pela aprendizagem das 24 letras do alfabeto grego e as crianças tinham que decorar os nomes das letras, primeiro em ordem alfabética, depois em sentido inverso”. Um processo demorado no qual a criança passava um bom tempo tentando aprender a ler as letras para que depois pudessem dar sequência nas outras etapas.

Na Idade Média, entre os séculos XVI e XVIII, ocorreu o surgimento de métodos sintéticos e analíticos, onde passaram a repensar o método da soletração, indo contra a sua utilização por causar uma alfabetização lenta e desgastante.

Mendonça (2011, p.28) explica que os métodos alfabético, fônico e o silábico “são de origem sintética, pois partem da unidade menor rumo a maior, isto é, apresentam a letra, depois unindo letras se obtém a sílaba, unindo sílabas compõem-se palavras, unindo palavras formam-se sentenças e juntando sentenças formam-se textos”, construindo assim um longo caminho que o aluno terá que traçar até chegar ao texto.

Mendonça (2011, p.28) ainda explica que os métodos da palavração, sentencição e contos “são de origem analítica, pois partem de uma unidade que possui significado, para então fazer sua análise (segmentação) em unidades menores”, ou seja, é o inverso do sintético, pois partem do elemento completo indo para as suas partes menores que são as sílabas.

Podemos observar que esses dois métodos de alfabetização eram bastantes limitados porque ensinavam a leitura para os alunos por meio de uma redução que não os permitia serem pessoas pensantes e atuantes, de forma que ficavam ali somente para decodificação e codificação das letras, sem ênfase na compreensão. Com isso Legrand (2010, p.18) fala que:

Esse modo progressivo de aprender, mediante combinações, usava o quadro-negro, diante do qual os alunos eram convidados a “decifrar” em coro: B mais A, BA; B mais O, BO etc. As palavras utilizadas eram as que nasciam dessa produção sintética: BALA, BOLA etc. Os textos lidos eram artificiais e “pueris”, e em todo caso absolutamente estranhos à vida realmente vivida. O maior problema consistia em passar dessa ginástica formal à leitura de textos reais.

Compreende-se que esse ensino era baseado na memorização, de forma que o aluno aprendia as letras e suas junções, mas não a sua função real, que é fazer uso delas para a construção de textos e formação de palavras que tenham significado. Sendo assim, esses métodos contribuíram para a alfabetização, mas ainda faltava desenvolver a compreensão, pois os alunos desde cedo precisam ser seres atuantes e participativos no seu processo de alfabetização.

Na metade de 1980, surge Emília Ferreiro e Ana Teberosky com a pesquisa sobre psicogênese da língua escrita, que descreve o aprendizado dos alunos a partir de quatro hipóteses que são: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Desta forma Mendonça (2011, p.37) explica que se trata de:

[...] uma investigação, partindo da concepção de que a aquisição do conhecimento se baseia na atividade do sujeito em interação com o objeto de conhecimento e demonstraram que a criança, já antes de chegar à escola, tem ideias e faz hipóteses sobre o código escrito, descrevendo os estágios linguísticos que percorre até a aquisição da leitura e da escrita.

Diante da citação da autora, entende-se que o aluno adquire conhecimento ao se relacionar com o material de estudo, mas que ao chegar na escola, traz consigo uma percepção obtida no seu meio familiar e cabe ao professor valorizá-la, dando seguimento para que o processo de aprendizagem ocorra.

Com objetivo de combater o processo de alfabetização mecânica e alcançar os alunos que não conseguiam fazer uso da leitura e da escrita para as práticas sociais, iniciou-se a discussão sobre letramento na década de 1990. Mendonça (2011, p.120) diz “tratar-se de uma proposta fundamentada na sociolinguística que organiza o trabalho docente com o objetivo de alfabetizar letrando.” Esse trabalho se baseava no “sócio” que se refere a execução do diálogo e o “linguístico”, que são os temas específicos de estudo, tudo organizado para que o aluno se tornasse alfabetizado e letrado, podendo se apropriar do ato de ler e escrever em diferentes atos sociais do seu cotidiano.

1.1.1 Breves reflexões sobre alfabetização no Brasil

As escolas surgiram no Brasil em 1549 com a chegada dos padres jesuítas, que tinham a intenção de catequizar indígenas e os filhos dos colonizadores. Segundo Mortatti (2004, p.49, grifos da autora),

para os jesuítas, os índios eram considerados como gentis e “papel branco” ou “tábua rasa”. Porque não consideravam seus conhecimentos, ignorando seus atos de sobrevivência que era a pesca e a caça, querendo torná-los “civilizados” por meio da conversão ao cristianismo.

Os padres jesuítas ensinaram aos indígenas a ler e a escrever, transmitindo seus ensinamentos. No entanto, em 1759 foi determinado pelo Marquês de Pombal que os jesuítas voltassem para Portugal e com o estado tomando conta da escolarização, houve o aparecimento dos textos não religiosos para a educação.

Como afirma Cagliari (SILVA et al., 2007 p. 55) “o texto não-religioso apareceu muito tempo depois, como preocupação típica da escola”, pois a escola não estava mais sobre domínio da igreja católica e mesmo sem ter a estrutura necessária para isso, o estado estava tomando a educação.

Na busca de compreender como ocorreu o processo de Alfabetização no Brasil, destacamos a professora e escritora Maria do Rosário Longo Mortatti que em seu livro “Alfabetização no Brasil: Uma história de sua história” se reúne com mais de 15 professores de diferentes formações para juntos refletirem sobre a constituição desse campo denominado alfabetização. O livro foi dividido em duas partes de forma que os autores destacam a importância dessa temática e fazem relatos das ferramentas que foram utilizadas para o processo de alfabetização.

A apresentação descrita por Boto enfatiza que os escritores “[...] propõem-se aclarar o ensino e o aprendizado da escrita e da leitura em diferentes textos e contextos, por variadas chaves conceituais, mediante sua inscrição histórica”. De maneira que possam “[...] apreender a historicidade dos modos passados de ensinar a ler e escrever”. Com isso “[...] um futuro que pode ser construído pela integração e pela articulação de projetos e de resultados de pesquisas já consolidadas” (BOTO, 2011, p. viii).

Para Chartier (2011, p. 50) “a história do ensino da leitura tornou-se um objeto de pesquisa importante, do ponto de vista acadêmico, mas também do ponto de vista didático”. Por meio desses estudos, a autora colabora tanto para os professores atuantes como os futuros professores entenderem como foi a evolução dos métodos de alfabetização e como tem se desenvolvido a história da leitura. Assim, afirma que “talvez seja preferível, efetivamente, conhecer um pouco da história para fazer propostas de reforma escolar, inventar ferramentas didáticas e formar os futuros professores” (CHARTIER, 2011, p.50).

Ao começar sua carreira docente em 1970, Chartier relata que tinha um pensamento crítico à história da pedagogia que, nas palavras da autora,

“assemelhava-se bastante a uma espécie de museu de erros e de absurdos didáticos” (2011, p.50). Sobre o uso do método da soletração, afirmava que “[..] os infelizes alunos de outrora, deviam soletrar cada palavra antes de lê-la, abrir abecedários em latim, repetir suas leituras até conhecer cada texto de cor” (CHARTIER, 2011, p.50). Era um processo lento no qual a criança passava um bom tempo tentando aprender a ler as letras para depois ter contato com uma obra escrita.

A evolução ocorreu com chegada da modernidade científica. Segundo a autora, “os professores tinham abandonado os velhos abecedários para adotar os manuais ilustrados, depois coloridos” (CHARTIER, 2011, p.50). A autora ressalta que os textos não tinham cunhos religiosos nem regras para serem seguidas, e graças ao aparecimento da modernidade, puderam fazer uso das cartilhas para a leitura das crianças.

Chartier relata que a partir da década de 1920 “[...] não eram mais também “lições de coisas”, mas breves narrativas, adaptadas à psicologia infantil, história de bonecas, de bolas, de cachorros e de gatos.” (CHARTIER, 2011, p.50, grifo da autora) e que as histórias voltadas para realidade das crianças contribuíam para o desenvolvimento da sua imaginação, interação e socialização.

Segundo Chartier (2011, p.51), “o que eu queria mostrar é que a área que nos preocupa hoje, a história do ensino da leitura é parte integrante de outras pesquisas sobre a escola, [...] sobretudo, os fracassos (os insucessos) nas aprendizagens”. Com isso, se faz fundamental compreender como se deu o surgimento dos métodos de leitura e como com o passar do tempo foram sendo modificados até chegarmos nas discussões de hoje.

Na década de 1980, já recusavam a concepção de leitura como algo passivo tornando-a como um objeto ativo. Diante disso Chartier esclarece que:

A leitura é para a escrita o que a recepção é para a produção, o que é a escuta para a tomada da palavra: uma atividade, não uma passividade. É um ato que requer atenção, vigilância, que mobiliza também a liberdade e a imaginação do leitor. Falar do “ato de leitura é indicar que não se lê “com os olhos”, mas com os saberes, julgamentos, emoções e valores. O leitor não é um simples “receptáculo de texto” (CHARTIER, 2011, p. 55, grifos da autora).

Compreende-se que a leitura é uma ação no qual a criança passa a realizar quando pretende entender o que diz um texto, tornando-se um ser ativo que por meio

desse ato de leitura, está estimulando a sua concentração, capacidade de criação e invenção. De maneira que para a execução da leitura, a mesma precisa ter o domínio do código e a compreensão dos significados partilhados, o que nos direciona a uma boa alfabetização. Por isso, a autora deixa bem claro que o leitor não é um “receptáculo de texto” mais sim o criador do ato de leitura sendo a figura principal para que essa atividade aconteça.

O letramento torna uma criança apta para desenvolver as práticas sociais de leitura. Com isso, é importante conhecer a diferença entre o letramento generalizado e o letramento restrito.

O letramento (literacy) generalizado é aquele das sociedades contemporâneas, em que a oralidade das trocas é, vez ou outra penetrada pela escrita, sempre presente de maneira implícita. Ao contrário, quando o letramento (literacy) é restrito, geralmente para usos religiosos, a escrita coexiste com as culturas orais, sem a penetrar verdadeiramente. (CHARTIER, 2011, p.56).

Quando regulada pela igreja, as crianças faziam leitura de textos de cunho religioso, tendo um ensino voltado para o letramento restrito de forma que aprendiam a ler através de obras escritas que constituem uma demanda pedagógica ou religiosa, valorizando a moral e os bons costumes. Diferentemente do letramento que faz uso de contos, poemas, fábulas, dentre outros.

Em relação a história da alfabetização se faz necessário conhecer e estudar sua caracterização, seu conceito e o seu desenvolvimento progressivo ao longo do tempo, levando os professores, pedagogos e demais que compõem o ambiente escolar a uma reflexão. Frade nos diz que:

Em primeiro lugar, precisamos refletir sobre as tendências que vão-se configurando nesse campo de estudos, buscando contemplar os seguintes aspectos: a) o que caracteriza o conteúdo da aprendizagem da escrita e sua relação com o que chamamos de alfabetização; b) a identificação do momento em que esse ensino/aprendizado ocorre, ou seja, do tempo de aquisição de uma competência gráfica; e c) a identificação das técnicas intelectuais que são construídas para que a escrita, como sistema e como prática, seja transmitida às novas gerações e como isso envolve metodologias e racionalidades gráficas presentes nos materiais (FRADE, 2011, p.179).

Para compreender a história da alfabetização é preciso ter conhecimento sobre as etapas que constituem o seu desenvolvimento. Acompanhando as pesquisas

sobre o aprendizado da escrita, percebemos que o tempo em que a criança leva para que essa ação ocorra e o uso das ferramentas intelectuais que foram elaboradas para que as mesmas consigam aprender a escrever, não somente para uma sistematização, mas como uma atividade real, engloba as estratégias e as variedades gráficas dos materiais expostos.

“Quando se aprende a ler e escrever, aprende-se um sistema arbitrário, dotado de certa permanência como sistema, e exercita-se o uso de instrumentos e suportes que acompanham, no corpo, as aquisições cognitivas e culturais” (FRADE, 2011, p.179). A criança que se encontra nesse processo de aprendizado tem uma rotina totalmente voltada para essa persistência de aprender a fazer uso da escrita e da leitura. Isso “é marcado por rituais e conteúdo específicos e pode ser recortado como objeto de análise da história da alfabetização” (PETRUCCI, 1999).

Numa análise panorâmica sobre o que predomina nesses estudos, constatamos que no Brasil, a maioria dos estudos históricos sobre alfabetização têm se concentrado nos espaços escolares, nos materiais escolares e nos discursos de intelectuais e professores (FRADE, 2011, p.182).

Assim, mediante essas pesquisas, os professores atuantes, futuros professores e demais colaboradores dessa área podem conhecer os aspectos metodológicos da alfabetização escolar por meio de leitura de obras como Mortatti (2000) e Trindade (2004). Em relação a história dos objetos de alfabetização, é indispensável que façam um diálogo entre a história do livro didático,

pois os livros escolares e não escolares para alfabetização portam saberes relacionados ao processo de alfabetização, mas eles também são objetos que configuram uma cultura gráfica, constroem dispositivos de pensamentos e passam por circuitos de edição que dependem de influências materiais e comerciais (FRADE, 2011, p.184).

As crianças em sua casa têm o contato com panfletos, revistas, livros de histórias e demais obras escritas que contribuem para a sua aproximação com o texto. De forma que ao chegar no contexto escolar algumas conseguem diferenciar o que é uma letra ou um número e identificar as palavras mesmo sem saber ler. “[...] não podemos deixar de lado os livros não escolares que visam ensinar a ler, como os abecedários populares, que se carregam como folheto e que ainda são editados e circulam nos meios populares” (FRADE, 2011, p. 188).

1.2 A QUESTÃO DOS MÉTODOS

Sabe-se que há diferentes métodos de leituras que podem ser trabalhados pelos professores alfabetizadores em sala de aula para oferecer incentivos aos seus alunos. Para buscar esses incentivos e ao mesmo tempo ajudar o aluno, o educador precisa inovar suas metodologias e práticas para contribuir de maneira positiva no ensino e aprendizado dos mesmos.

Pelas suas características, os métodos foram organizados em dois grupos: métodos sintéticos e métodos analíticos. No conjunto dos métodos sintéticos, estão o método alfabético também chamado de soletração, o método fônico e o método silábico. No conjunto dos métodos analíticos, estão o método da palavração, o método da sentenciação e o método global.

No método da soletração, Sylvestre (2010) explica que este corresponde ao iniciar o ensino por partes menos complexas para as mais complexas. Significa, conseqüentemente, as formas das letras visualmente e a sua pronúncia, isto é, o seu som. Com isso, o ensino baseia-se em conhecer as letras e os sons que elas reproduzem para que assim possam chegar nas palavras.

Em relação ao método fônico que prioriza o conhecimento do som que cada letra produz, Mendonça (2007) afirma que, na língua portuguesa, a menor unidade pronunciável perceptível para o aprendiz é a sílaba, e não o fonema, pois embora tenha escrita alfabética, na oralidade, o português é silábico, de modo que o aluno ao ler as palavras realiza a junção de duas letras para que possa produzir som, com isso afirma-se que a sílaba é fundamental para o aprendizado do aluno.

O método silábico inicia-se, então, pelas sílabas consideradas mais fáceis para depois apresentar e aprender as mais difíceis, por exemplo, “da, ta, ma” ao invés de “lha, nha, sá” (FRADE, 2007). O aluno recebe uma alfabetização por meio das sílabas de forma que o professor começará pelas mais simples que é onde os alunos já têm uma certa familiarização e conseguem identificá-las, para que somente depois siga para as sílabas complexas. Depois de conhecer as sílabas, ele deverá formar palavras e posteriormente, frases.

O método da palavração, de acordo com Frade (2007), ocorre mediante “atividades desenvolvidas tendo como procedimentos o uso de cartões de fixação, em que relacionam palavras e gravuras”, de maneira que o aluno recebe uma atividade

composta com as palavras e as imagens relacionadas passando a ter um aprendizado por meio da memorização. Sendo assim, o aluno só consegue fixar tal palavra a partir da imagem associada.

O método da sentencição tem como ponto de partida as frases, ou seja, as sentenças, para que somente depois, por meio do processo de memorização é que reconheça as palavras decompondo-as para trabalhar depois as sílabas (FONTES; BEVENIDES, 2013). Compreende-se que o aluno se encontra com a frase formada e por ter conhecimento das palavras, consegue desintegrá-las em sílabas e em letras.

O método global “é aplicado através da análise das partes maiores (textos, frases) para chegar a parte menores (palavras, sílabas) de forma sequencial” (FONTES; BENEVIDES, 2013, p. 4). Desta maneira, o professor realiza a leitura de texto, separa as sentenças, retira as palavras e por fim faz a divisão das sílabas, tudo bem organizado para o aprendizado dos alunos.

Em vista disso podemos notar que cada um desses métodos tem processos diferentes, tendo sido criados com a finalidade de alfabetizar os alunos de maneira que consigam aprender a ler e escrever. A partir da utilização desses métodos, os professores seguiam a orientação das cartilhas a fim de levar os seus alunos ao aprendizado.

1.3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Sabe-se que alfabetização e letramento são processos distintos mais que se interligam no momento da aprendizagem. A alfabetização é onde a criança assimila a relação existente entre as letras, tendo a capacidade de codificar e decodificar, diferentemente do letramento que acontece a aproximação da criança com o texto, inserindo-o na cultura escrita.

Para alfabetizar uma criança organizam-se uma sequência de aprendizagens de modo que ela passa a conhecer o fonema, o grafema e o texto escrito. Com isso Carvalho (2010, p. 66) fala que:

Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações gráficas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social.

De acordo com a autora, a criança aprende a técnica da alfabetização por meio da codificação e decodificação das letras, mas para ser letrada, precisa fazer uso das práticas sociais de leitura e escrita. Para que isso ocorra, faz-se necessário que o professor trabalhe de forma concomitante a alfabetização e o letramento, levando as crianças para a leitura e suas produções textuais de forma que leiam, compreendam, obtenham as informações e saibam repassá-las, sendo seres ativos e críticos.

Diante disso, Ferreiro (2006) também traz uma contribuição sobre alfabetização ressaltando que “é poder transitar com eficiência e sem temor numa intrincada trama de práticas sociais ligadas à escrita [...] não é tarefa para se cumprir em um ano, mas ao longo da escolaridade”. Sendo assim, para uma criança ser alfabetizada a mesma precisa ter contato com a leitura e com os diferentes textos disponíveis na intenção de que, ao longo do tempo, consiga dominar a escrita e a leitura. A alfabetização e o letramento são processos que as crianças passam ao longo do seu desenvolvimento de ensino e aprendizagem. Soares explica que:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2003, p. 40).

Para buscar compreender esses processos, é importante destacar que uma criança alfabetizada nem sempre é uma criança letrada, existindo diferenças ao longo desse caminho que a criança irá alcançar. Dessa forma é preciso que o professor dê oportunidade e incentivo para que esses processos sejam bem desenvolvidos nos seus alunos e tenham uma boa aprendizagem.

A alfabetização que ocorre nas escolas geralmente dispõe de atividades para que as crianças façam a leitura do alfabeto, conheçam as sílabas e formem palavras. Segundo Soares (2003) “não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la”, pois há criança que aprende toda a sistematização, mas não consegue produzir um texto ou uma frase.

Como é dever do poder público oferecer a educação básica desde a educação infantil até o final do ensino médio, esses dois processos precisam ser garantidos, bem desenvolvidos e jamais dissociados. Soares acrescenta que

Não são processos independentes, mas interdependentes e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2003, p.14).

Entende-se que para alfabetizar uma criança, esses dois processos são fundamentais e inseparáveis de maneira que se ocorrer essa separação, a criança poderá ter uma alfabetização que não garanta os usos sociais da escrita e leitura no cotidiano. Por isso, para alfabetizar, se faz uso das leituras de texto e para o letramento é preciso que as crianças conheçam a unidade mínima de uma letra (fonema) e as junções de duas letras (grafema).

1.4 A FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

Discorrer sobre a formação da professora alfabetizadora nas séries iniciais do ensino fundamental, é falar de uma formação que contribuirá no seu trabalho profissional de ensino dos seus educandos. Libâneo (1994, p. 27), em seu livro “Didática”, traz uma contribuição de suma relevância sobre a formação docente. Para ele, “a formação profissional é um processo pedagógico, intencional e organizado, de preparação teórico-científica e técnica do professor para dirigir competentemente o processo de ensino”.

Compreende-se que a formação do professor é um processo educacional no qual tem a intenção de prepará-lo tanto de maneira teórica como para a prática que serão trabalhadas em sala de aula, para assim realizar um trabalho de qualidade, colaborando para o desenvolvimento dos seus alunos.

A LDB N° 9394/96 traz um esclarecimento sobre a formação docente, onde ressalta que para lecionar na educação básica é necessário que o educador possua uma formação acadêmica em nível superior, como destaca o Art. 62: “A formação de docentes para atuar na educação básica far-se á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos [...]” (BRASIL, 1996, p. 27).

Vejam os que cita o art. 61 da lei 9394/96 sobre o profissional da educação básica:

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim (BRASIL, 1996, p.41).

Mediante a lei citada, compreendemos que a formação docente é de suma importância, pois é necessário que todo profissional da educação possua formação na área para desenvolver um bom trabalho.

Ao começar a trabalhar em uma sala de aula, a professora alfabetizadora precisa conhecer bem os seus alunos, notando quais são as suas dificuldades e conhecimentos para que assim faça um trabalho de qualidade e colabore para o seu desenvolvimento. Para Albuquerque e Cruz (2009, p.11) sobre a prática docente no âmbito da alfabetização:

As crianças iniciam o ano letivo com diferentes conhecimentos e aprendizagens, é papel do professor diagnosticar o que as crianças sabem ou não sabem sobre o que ele pretende ensinar. Mesmo quando chegam ao final do ano sem dominar os conhecimentos que o professor buscou ensinar, as crianças têm agregado saberes, é preciso identificar não apenas o que elas não aprenderam, mas também o que elas aprenderam, e valorizar suas conquistas; o diagnóstico sobre o que as crianças sabem ou não sabem deve servir para o planejamento das estratégias didáticas e não para a exclusão das mesmas.

Ao iniciar o ano letivo, a professora alfabetizadora precisa fazer esse diagnóstico não somente para notar como está os seus alunos, mas para que faça um trabalho de qualidade. Durante o ano letivo, muitos assuntos são apresentados e muitas dificuldades surgem. A partir disso, a professora deve procurar superar os obstáculos e construir caminhos que os levem a aprendizagem, valorizando as suas conquistas.

No âmbito escolar, o trabalho é coletivo. Professores, pedagogos e coordenadores trabalham juntos em busca de melhores possibilidades para se chegar à aprendizagem. Diante disso Libâneo, Oliveira e Toschi (2003, p.307) dizem que:

A escola é o local do trabalho docente, e a organização escolar é espaço de aprendizagem da profissão, no qual o professor põe em prática suas convicções, seu conhecimento da realidade, suas competências pessoais e profissionais, trocando experiências com os colegas e aprendendo mais sobre o seu trabalho. O professor participa ativamente da organização do

trabalho escolar, formando com os demais colegas uma equipe de trabalho, aprendendo novos saberes e competências, assim, como um modo de agir coletivo em favor da formação dos alunos.

Entende-se que a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento dos seres humanos de modo que eles chegam neste ambiente para aprender algo novo e adquirir melhorias para o seu progresso educacional. A escola é constituída por pessoas que tem formação e estão aptas para trabalhar no processo de ensino e aprendizagem, sendo assim um professor colabora com o outro e ao realizar as suas práticas, podem oferecer um bom suporte para seus alunos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica - DCN (2013) presumem um ensino mais abrangente de modo em que os alunos tenham um ótimo desenvolvimento no progresso de sua aprendizagem. Nos três primeiros anos do Ensino Fundamental I o aluno está produzindo sua autonomia e liberdade, precisando que a professora valorize os seus conhecimentos trazidos de casa e o conduza para a construção de sua aprendizagem de uma forma emancipatória. Com isso As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) dizem que:

Os ciclos assim concebidos concorrem, juntamente com outros dispositivos da escola calcados na sua gestão democrática, para superar a concepção de docência solitária do professor que se relaciona exclusivamente com a sua turma, substituindo-a pela docência solidária, que considera o conjunto de professores de um ciclo responsável pelos alunos daquele ciclo, embora não eliminem o professor de referência que mantém um contato mais prolongado com a classe. Aposta-se, assim, que o esforço conjunto dos professores, apoiado por outras instâncias dos sistemas escolares, contribua para criar uma escola menos seletiva e capaz de proporcionar a cada um e a todos o atendimento mais adequado a que têm direito. Para evitar que as crianças de 6 (seis) anos se tornem reféns prematuros da cultura da repetência e que não seja indevidamente interrompida a continuidade dos processos educativos levando à baixa autoestima do aluno e, sobretudo, para assegurar a todas as crianças uma educação de qualidade, recomenda-se enfaticamente que os sistemas de ensino adotem nas suas redes de escolas a organização em ciclo dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, abrangendo crianças de 6 (seis), 7 (sete) e 8 (oito) anos de idade e instituindo um bloco destinado à alfabetização (BRASIL, 2013, p. 124).

De acordo com o documento, compreendemos que o processo de alfabetização é contínuo e não deve ser limitado a uma repetição de atividades mecânicas, para que o aluno não passe a desgostar e a caracterizar o ambiente

escolar como desagradável. Por isso, o processo de alfabetização deve estar mais relacionado ao aluno, notando que é um ser ativo que, assim como o tempo muda, as metodologias que são trabalhadas também pedem mudanças para que o prazer pela aprendizagem exista e que eles sejam participativos, deixando de ser somente receptores de informações.

Na formação continuada das professoras alfabetizadoras faz-se necessário que elas possam pensar e repensar o tamanho de seu papel na vida dos seus alunos, quais são as suas metodologias utilizadas e se realmente estão trazendo bons resultados.

Sabemos que a aprendizagem não tem padrões estabelecidos porque cada aluno aprende no seu tempo e com isso o ensino também não pode ser padronizado. A formação docente pede que a professora dialogue com os seus alunos e os conheça por meio da avaliação diagnóstica. Diante disso Gatti (2014, p. 3) fala que:

A formação continuada abrange formas heterogêneas de organização e vão desde formas mais institucionalizadas, que outorgam certificados, com duração prevista e organização formal, até iniciativas com o propósito de contribuir para o desenvolvimento profissional dos educadores, ocupando as horas de trabalho coletivo na escola, ou como trocas entre pares, oficinas, grupos de estudo e reflexão, mais próximos do fazer cotidiano na escola e na sala de aula (GATTI, 2014, p. 3).

De acordo com a autora, a formação continuada pode ocorrer de forma diversificada como por meio de programas de formação, que podem ser de maneira semipresencial, presencial ou online. É importante ressaltar que essa procura para formação continuada surja das professoras alfabetizadoras e que a elas sejam dadas as condições para continuarem estudando e aprendendo mais sobre o processo de aprendizagem da leitura e escrita.

1.5 ESCRITA COMO INSTRUMENTO CULTURAL COMPLEXO

Ao abordar a história da escrita como uma ferramenta cultural complexa, faz-se necessário conhecer e estudar as suas transformações ao longo do tempo, dando ênfase que a história da escrita se inicia bem antes do surgimento das escolas. Os povos pré-históricos viram a necessidade de desenhar suas ideias nas paredes das cavernas e de lá para cá, a escrita passou por uma grande evolução até se tornar o

que é hoje. Com isso, o ensino da escrita não pode ser restrito pois, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cultural da criança.

Em relação a história da escrita destacam-se três fases, segundo Cagliari (2012): a escrita pictórica, ideográfica e a alfabética.

“A fase pictórica se distingue pela escrita através de desenhos ou pictogramas”. (CAGLIARI, 2012, p. 91). Essa fase foi a primeira forma de que os primórdios encontraram para comunicar-se desenhando e expressando suas emoções nas paredes das cavernas, como naquele tempo eles viviam da caça, da pesca e da agricultura, seus desenhos eram baseados no seu cotidiano.

A segunda fase da escrita denominada de fase ideográfica se caracterizou pela escrita por meio de desenhos. Para Cagliari (2012, p.93):

Esses desenhos foram ao longo de sua evolução perdendo alguns dos traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se uma simples convenção de escrita. As letras do nosso alfabeto vieram desse tipo de evolução. Por exemplo, o a era a representação da cabeça de um boi na escrita egípcia. Em grego, o alfa se escreve x. O b era a representação de uma casa egípcia. O d era a figura de uma porta. O m era o desenho das ondas da água. O n era o desenho de uma cobra. O o era a figura de um olho. O x representava o peixe, e assim por diante.

Evidenciou-se que a escrita ideográfica teve a sua comunicação exatamente pelo uso de símbolos de forma que havia uma junção desses símbolos com os desenhos. Por isso, a partir daí surgiu uma expressão mais complexa onde cada desenho significava algo e foram os ideogramas que concederam o aparecimento do alfabeto, ou seja, a fase alfabética.

A terceira fase alfabética se caracteriza pelo uso das letras. “Elas tiveram sua origem nos ideogramas, mas perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica” (CAGLIARI, 2012, p. 94). Olhando para o processo de evolução da escrita, vemos que os ideogramas tiveram uma grande contribuição para a criação do alfabeto pois foi a partir desses símbolos que as letras puderam surgir, criando assim o sistema fonológico que é onde os fonemas representam seus sons.

A escrita evoluiu de maneira expressiva permitindo que os povos pudessem se comunicar, interagir e viver em sociedade. E por ela ter a intenção de retratar algo

acabou se tornando fundamental para a relação entre os indivíduos. Cagliari (2012, p.88):

A escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala. Alguns tipos de escrita se preocupam com a expressão oral e outros simplesmente com a transmissão de significados específicos, que devem ser decifrados por quem é habilitado.

Diante disso podemos perceber que a escrita tem o papel essencial para que os indivíduos se comuniquem um com o outro. Sendo que é a partir da escrita que os indivíduos realizam a leitura e compreendem algo. Temos alguns tipos de signos que somente ao serem observadas, o leitor já consegue entender, como por exemplo, as placas de trânsito que ao serem vistas, conseguimos identificar o que ela adverte.

Para Vigotski (2000, p.183, tradução nossa) “a criança é ensinada a traçar as letras e a formar palavras com elas, mas não se lhe ensina a linguagem escrita.” Ou seja, ou autor crítica que no ambiente escolar, os alunos recebem um ensino limitado de maneira que passam a aprender sistemas e a seguir regras, mas não se tornam autores do seu processo de aprendizagem de forma que chegam até certas séries e não tem convicções para elaborar frases e textos, o que acaba se tornando uma grande dificuldade no seu processo escolar.

Por isso Vigotski (2000, p.183, tradução nossa) destaca que “a atenção dos professores se centrava na elaboração pelas crianças de uma articulação correta, a perfeição dos sons isolados e em uma pronúncia clara.” Sendo que para esses professores, o que importava era como o aluno estava lendo e pronunciando as letras, mas depois disso, eles não sabiam como fazer uso delas em outras situações do seu cotidiano, principalmente fora da escola.

Segundo Vigotski (2000, p. 183, tradução nossa), “aos escolares não se ensina a linguagem escrita, mas sim a traçar as palavras, e, por isso, a sua aprendizagem não ultrapassa os limites da ortografia e caligrafia tradicionais”. Por isso vemos muitos alunos sem independência no ato de escrita com falta de autonomia para as suas produções, pois com o ensino da escrita limitado, os alunos não adquirem novas capacidades e se sentem inseguros para o dominar a ortografia.

A escrita precisa ser apresentada e trabalhada no dia a dia como um instrumento social que faz parte da vida em sociedade e a criança precisa vivenciar

seus usos e ter necessidade de aprender para fazer uso nesses contextos reais, como marcar suas coisas, escrever o que está pensando ou sentindo, comunicar suas ideias e revelar seu pensamento, além de poder fazer ações cotidianas como escrever um bilhete, uma receita, uma lista de compras.

1.6 A FORMAÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO HUMANIZADORA CRIADA PELO NÚCLEO DO NAHUM: OBJETIVO, PROCESSO E ADJETIVAÇÃO

O núcleo de Alfabetização Humanizadora - NAHUM foi fundado em 2020 pelos professores doutores da área da educação Dagoberto Buim Arena, Elianeth Dias Kanthack e Stela Müller. No site do NAHUM encontra-se conteúdos como boletins, *podcast*, histórias, artigos acadêmicos, práticas pedagógicas, entre outros materiais, com a intenção de construir um debate sobre alfabetização.

A cada dois meses são lançados um novo boletim, sendo composto por quatro seções: Editorial; De professor para professor; Eu faço assim e Mural. Em cada seção, discute-se sobre a Alfabetização Humanizadora com o objetivo de compartilhar as pesquisas do núcleo e de práticas alfabetizadoras sem o uso de cartilhas ou manuais que estejam ligados a métodos tradicionais de alfabetização.

O núcleo do NAHUM surgiu pelo motivo de que esses professores viram a necessidade de mudanças na discussão sobre alfabetização. Há anos no Brasil, os alunos vêm sendo alfabetizados de maneira tradicional, especialmente pelos métodos sintéticos. As discussões do grupo proporcionaram a alfabetização sobre outras possibilidades, que chamaram de Alfabetização Humanizadora.

Discutem os conteúdos, a maneira de como os alunos vem sendo alfabetizados nas escolas, mostrando uma grande preocupação com a atual alfabetização e como é alfabetizar por meio da humanização, porque desejam que a alfabetização torne as crianças “seres pensantes, que sabem utilizar os conhecimentos adquiridos para compreender o mundo e nele agir de forma ativa e responsável” (NAHUM, BOLETIM N.1, 2020, p.1).

Diante desta citação, entende-se que por meio da Alfabetização Humanizadora os alunos se tornarão seres que refletem, dialogam e contribuem no que vem aprendendo com o seu professor, sabendo fazer uso da leitura e da escrita

em diferentes contextos sociais, ou seja, independentemente do lugar que se encontram, conseguem ter o domínio dessas práticas.

O próprio núcleo do NAHUM parte de um argumento de modo que a linguagem escrita não pode ser sintetizada. Com isso, Stela Miller explica que:

A proposta parte da premissa de que a linguagem escrita é um instrumento cultural complexo, que cumpre uma função social como meio de interação entre os sujeitos sociais e de estabelecimento de relações de poder entre eles, e que, por essa razão, supõe o domínio de um conteúdo que não pode ser reduzido ao conhecimento do sistema normativo de representação da língua, nem mesmo nos momentos iniciais do processo de aprendizagem da escrita, pois, com isso, elas teriam uma visão míope do modo como funciona o mundo da escrita e de quais as implicações disso para a sua própria vida. (NAHUM, BOLETIM N.1, 2020, p. 1).

Desde o início da alfabetização institucionalizada no Brasil, a escola foi se constituindo como é o principal espaço com o poder de ensinar os alunos de maneira sistemática, de modo que a alfabetização se baseava, basicamente, em ler o alfabeto, formar sílabas, palavras, frases e pequenos textos. Este processo se mostrou muito fechado e rigoroso, fechando as portas para a produção autoral e experimentação, sendo que isso é fundamental para os alunos que se encontram no processo de aprendizagem da escrita.

Diante disso, os pesquisadores explicam que a Alfabetização Humanizadora não é constituída por métodos muito menos será fundamentada em seguir um sistema normativo, porque essa alfabetização irá valorizar a cultura do aluno e a partir disso seu trabalho será realizado por enunciados. De acordo com Stela Miller diz que:

Um processo de alfabetização que, diferentemente, pretende ensinar os sons das letras, suas representações gráficas, suas diferentes formas de união com palavras soltas, frases pontuais etc., deixa de mostrar à criança a riqueza e a complexidade que marcam o trabalho com os enunciados que fazem parte do acervo vivo da linguagem escrita (NAHUM, BOLETIM N.1, 2020, p. 1).

Entende-se que a Alfabetização Humanizadora é uma alfabetização diferenciada contrária da que é exercitada nas escolas. Seu trabalho é voltado para o desenvolvimento integral do aluno, sendo produzido por meio de enunciados onde o professor de sala escolhe um gênero enunciativo e o disponibiliza para os alunos, podendo ser exposto em diferentes suportes colaborando para que eles conheçam os diversos gêneros enunciativos existentes.

Os enunciados são as palavras que compõem tanto a linguagem oral como a escrita (a fala, a frase ou o texto). Para Cavalcante Filho e Torga (2011, p. 1) o enunciado é visto por Bakhtin como “a unidade real da comunicação discursiva. [...] Cada enunciado constitui um novo acontecimento, um evento único e irrepetível da comunicação discursiva”. O enunciado surge nas relações dos indivíduos de forma que a cada novo enunciado compartilhado tem a sua importância e sentido, por isso, quanto mais os indivíduos interagem, maior os enunciados trocados, partilhado.

Os enunciados são as palavras com sentido e se constitui o objeto de estudo da alfabetização humanizadora. Em relação ao papel das palavras na vida dos indivíduos, Arena, citando Volochinov, fala que:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. Toda a realidade da palavra está inteiramente absorvida por sua função de signo. A palavra não contém nada que seja indiferente a essa função e que não seja engendrado por ela. Ela é o meio mais sensível da troca social (VOLOCHINOV apud ARENA, 2021, p. 89).

Compreende-se que é a partir das palavras que toda realidade passa a ser absorvida através de signos e significados. Como a Alfabetização Humanizadora é trabalhada por enunciados, seu desenvolvimento em sala de aula se faz bastante inovador e desafiador para os alunos. Os objetivos do Núcleo da Alfabetização Humanizadora são:

[...] ampliar as discussões teóricas e práticas sobre o processo de alfabetização no campo das ciências humanas e constituir um conjunto de conhecimentos, análises e reflexões sobre a temática, que possibilitem uma visão e um posicionamento críticos frente às concepções defendidas nos documentos oficiais e presentes em certas práticas escolares que focalizam a língua como sistema formal de representação da linguagem humana, e o de promover debates teóricos e disseminar práticas para a criação de um movimento composto por professores de diferentes instancias educacionais, na defesa de uma Alfabetização Humanizadora (NAHUM, BOLETIM N.1, 2020, p. 1).

Compreende-se que os criadores do Núcleo Alfabetização Humanizadora têm a intenção de disseminar essa proposta do uso da enunciação para alfabetizar os alunos de maneira que possa reunir cada vez mais e mais professores, colocando em prática e defendendo uma alfabetização por meio da humanização.

Com isso Stela Miller ressalta que “[...] nos humanizamos à medida que nos educamos, tendo em vista a quantidade e a qualidade dos recursos materiais e das relações humanas disponíveis no meio em que esse processo de educação acontece” (NAHUM, BOLETIM N.1, 2020, p. 2). Segundo a autora, o ser humano humaniza-se a partir do que se aprende, principalmente da porção e condição dos objetos que estão disponíveis no ambiente do qual faz parte, levando em consideração as suas relações, vivências e compartilhamentos.

O núcleo do NAHum discute a necessidade de o porquê adjetivar a alfabetização. Para eles, “o sentido etimológico do termo alfabetização está relacionado, de forma restrita com a aquisição do alfabeto e o conhecimento das letras que o compõem” (NAHUM, BOLETIM N.3, 2021, p. 1).

A crítica passa pela alfabetização mecanizada de aprender os sons das letras e das sílabas como uma atividade que o aluno faz cotidianamente no ambiente escolar. O núcleo do NAHum tem a intenção de provocar os professores para que reflitam sobre o processo de alfabetização com um vasto significado, qualificando a alfabetização com a força da palavra “humanizadora” e com a grande desta atuação nas escolas.

O grupo afirma que “é importante esclarecer que a humanização que buscamos nessa proposta, não está vinculada a um ideal de Homem, por considerarmos ser essa uma tarefa inconclusa, que solicita um ‘vir a ser’”. (NAHUM, BOLETIM N.3, 2021, p. 1). Dessa forma é notável que a alfabetização humanizadora busca conhecer as particularidades e cultura do ser humano, compreendendo-o como comunicativo e produtor dentro da cultura letrada.

O Núcleo do NAHum não tem uma definição formada de Alfabetização Humanizadora e não disponibiliza modelos de atividades para serem realizados pelos professores alfabetizadores, pois tem como foco não limitar a linguagem escrita, com isso, deixa claro que não se pode reduzir o conhecimento da língua como forma de mecanização, enfatizando que “a Alfabetização Humanizadora é radicalmente oposta à pedagogia da domesticação do pensamento” (NAHUM, BOLETIM N.4, 2021, p. 3).

Sendo assim, a Alfabetização Humanizadora é voltada para o aluno produtor de seu conhecimento de maneira que o professor elabora suas atividades pensada no mesmo, ou seja, naquilo que tem curiosidade de conhecer e aprender. Diferentemente

da alfabetização, que é usada nas escolas onde o aluno fica na repetição de atividades que não os estimulam e com isso passam a presumir que esse processo é entediante.

É necessário que a criança conheça toda a dimensão da escrita compreendendo seus códigos (espaço em branco, caixa dupla e pontuação). Assim “a criança deve conquistar a capacidade de utilizar a escrita para se comunicar e para pensar” (BAJARD, 2012, p.12).

A linguagem escrita tem uma grande função para o desenvolvimento da criança, principalmente se ela for a autora das suas atividades como por exemplo, a escrita de um texto que é onde a criança usa a sua imaginação e confiança para a produção. Dessa forma, “considera-se, então, o ato de escrever como construção de enunciados prenhes de sentido por meio do estabelecimento de relações dialógicas” (NAHUM, BOLETIM N.5, 2021, p. 3).

Os enunciados prenhes de sentido sucedem quando o aluno consegue ter o domínio da escrita ao escrever palavras que significam algo para si. De forma que conseguem expor suas ideias, mas para se chegar nessa etapa os alunos percorrem um longo caminho, ou seja, um caminho de construção onde a relação de professor e aluno precisa ser de muita comunicação pois, quanto mais condições existirem, mais os alunos se desenvolvem.

Segundo Bajard (2012, p.14) “é na família letrada que, muito cedo, os filhos se deparam hoje com a língua escrita, por meio da escuta de textos ditos pelos pais e não mais na escola, a partir da cartilha”. A família tem um percentual muito grande para a aprendizagem da criança, porque é em casa que ela aprende as primeiras palavras, adquire seus costumes e a sua cultura. E quando tem a oportunidade de terem acessos aos livros e a escuta de história chegam na escola conhecendo a língua escrita.

Uma opção de enunciado de sentido é fazer com que a criança aprenda a escrever nome próprio, podendo ser o nome do pai, da mãe ou até mesmo o seu. Que uma ação como essa a aproxima ao caractere e consegue realizar a diferenciação da pessoa relacionada. Sendo assim, “é essa concepção da escrita que induz nossa abordagem do nome próprio com a criança pequena, que distingue duas pessoas distintas de Silvia e Sylvia, mesmo que a troca de “i” por “y” não altere a pronúncia (BAJARD, 2012, p.13).

Também é importante ressaltar que existe aquela criança que não tem a família letrada sendo preciso ingressar na escola para poder conviver com os livros e se deparar com a língua escrita. Mas se a escola trabalha apenas com cartilhas e com junção de letras, acaba demorando um pouco para que isso aconteça, sendo que essa aproximação criança e texto faz com que a sua alfabetização ocorra por palavras carregadas de sentido pois, um texto tem significado e uma letra não.

Por isso é importante que desde a sua fase inicial na escola, as crianças tenham acesso a diferentes tipos de gêneros textuais para que possam conhecer os inúmeros tipos de livros existentes. Segundo Bajard (2012, p.18):

Um número de livros superior ao número de crianças proporciona um ato de escolha. Selecionar o texto é uma prerrogativa do leitor. Quando o acervo é suficiente, a criança pode aprender a escolher seu livro conforme suas características próprias (qualidade da encadernação, peso, cores da capa, ilustrações, temática etc.), em vez de ser obrigada a pegar, por exclusão, o último livro deixado de lado pelos colegas (BAJARD, 2012, p.18).

Entende-se que a criança tem que ter a liberdade de escolher o livro que deseja em meio a muitos livros disponibilizados pelo professor. Porque para realizar o momento da leitura, o professor leva para a sala de aula um número de livro a mais de alunos, deixando-os serem participativos e tendo o ato de escolha. Até pode ser organizado um lugar para a leitura e contação de histórias tudo feito com a intenção de favorecer um ambiente adequado para esse momento.

2 METODOLOGIA

Iniciamos com o levantamento sobre a temática para conhecermos o que já foi produzido pelos pesquisadores da área. Destacamos o trabalho de Bajard (2012), Frade (2007), Arena (2020/2021), Cagliari (2012), Mortatti (2004), Mendonça (2011) e Vygotski (2012). Acessar essa produção foi necessário para delinear o rumo das nossas investigações.

Diante disso, apresentaremos uma organização da metodologia seguida para a produção da pesquisa, considerando a linha de pesquisa; o tipo de pesquisa; método de abordagem; método de procedimento; produção de dados e a análise.

Este trabalho segue a linha de pesquisa “Cultura, educação e escola”, porque essa linha tem como referência o ambiente escolar e os alunos que estão em processo de aquisição de aprendizagem.

A presente pesquisa fundamentou-se na pesquisa bibliográfica de obras de diferentes autores que discutem a temática. A pesquisa bibliográfica tem a finalidade de levar ao aprofundamento do tema. Em relação a esse tipo de pesquisa, Marconi e Lakatos diz que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc. (2010, p. 166).

Por meio da pesquisa bibliográfica, realizamos buscas em fontes bibliográficas como livros, artigos e publicações de práticas pedagógicas de autores que contribuem com a temática, o que colaborou de forma significativa para a ampliação do conhecimento. Ressaltamos que por meio da pesquisa bibliográfica compreendemos como a alfabetização humanizadora contribui para o desenvolvimento educacional dos alunos que se encontram no processo de alfabetização.

Para ampliação dos conhecimentos sobre o tema, trabalhamos a partir de uma perspectiva dialética. Para Marconi e Lakatos (2010, p.88), “o método dialético penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade”.

Para compreender as questões levantadas na pesquisa sobre processo de alfabetização, observamos os problemas e dificuldades enfrentadas no cotidiano

escolar durante o estágio supervisionado, especialmente relacionado aos alunos e aos métodos de alfabetização.

O estudo foi realizado por meio da pesquisa em bancos de dados da Capes, *Scielo (Scientific Eletronic Library Online)*, sites especializados em ensino pedagógico e repositórios de Faculdades Brasileiras.

Com esta perspectiva, este estudo teve o processo metodológico, fundamentando as opções tomadas, com o objetivo de reger todo o processo de investigação. A coleta de dados deu-se por meio da pesquisa bibliográfica, com o intuito de enriquecer o embasamento deste estudo, buscando compreensões em outros estudos já realizados.

A pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.54)

A análise dos dados coletados ocorreu de maneira explicativa, coletados, enfatizando as discussões sobre a importância da Alfabetização Humanizadora na educação dos anos iniciais.

Nas análises e discussões, estudaremos dois boletins do NAHum para entendermos melhor como o grupo organiza as discussões em torno do tema Alfabetização Humanizadora. Antes de iniciarmos a análise dos boletins, se faz importante ressaltar que a pesquisa realizada também fez uso da pesquisa documental, que de acordo com Gil (2008, p.46):

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas cabe considerar que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos “de primeira mão”, que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui, inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc. (GIL, 2008, p.46)

Compreende-se que a execução tanto a pesquisa bibliográfica como a documental fazem uso de material já produzido, mas a diferença delas está na essência desses elementos, sendo que para a bibliográfica, os principais documentos utilizados são os livros e os artigos que encontramos nas bibliotecas físicas e virtuais e para a documental, há uma diversidade de materiais para serem utilizados favorecendo o conhecimento e o contato com diferentes produções.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das discussões realizadas no referencial teórico, continuaremos o debate sobre Alfabetização Humanizadora analisando dois boletins do NAHum: o boletim número 02, de janeiro/fevereiro de 2021 e o boletim número 03, de março/abril de 2021, onde os criadores do núcleo discutem a temática e trazem propostas de alfabetização relacionada a Alfabetização Humanizadora.

Os boletins são expostos no site do NAHum bimestralmente, sendo organizados da seguinte maneira em quatro seções:

1. Editorial	Onde um dos membros do núcleo explicita a temática;
2. De professor para professor	A partir do tema que foi abordado levam os professores aos seus momentos de reflexão;
3. Eu faço assim	Espaço onde os professores alfabetizadores explicam propostas de alfabetização humanizadora em sala de aula;
4. Mural	Disponibiliza uma série de informações complementares para os leitores, com a contribuição dos pesquisadores e leitores.

Quadro 1 - Estrutura do Boletim NAHum

3.1 Análise do Boletim 2



Imagem 1: Boletim N.2 Jan/Fev 2021 Editorial Fonte: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-02-janeiro-fevereiro-de-2021/>

Focaremos, inicialmente, na discussão dos textos publicados no Editoria e De professor para professor. Neste boletim, o Dr. Dagoberto Buim Arena inicia falando

sobre a importância de uma Alfabetização Humanizadora no desenvolvimento educacional dos alunos. Para ele:

Os enunciados da linguagem escrita - objetos de aprendizagem – são meios fundamentais no processo de humanização. A apropriação dos enunciados ideológicos não é, entretanto, o fim, porque o porto orientador de chegada é o da formação humana. Não há enunciado sem um gênero que o acolha e não há um enunciado sem a substância da cultura e do tempero dos julgamentos, da valorização, da apreciação humana (ARENA, BOLETIM N.2, 2021, p.1).

O autor defende que a Alfabetização Humanizadora parte de enunciados escritos como o principal objeto de aprendizagem. Mas para que os alunos se apropriem do ato da escrita, é preciso que esses enunciados estejam ligados ao seu cotidiano e a aquilo que desejam conhecer, pois muitos alunos não conseguem se apropriar da escrita por ficarem escrevendo palavras que não tem significado para si e não os incentiva a nada, estando bem longe de sua realidade.

É importante destacar que “é esse enunciado o objeto de aprendizagem que assume seu papel na humanização porque é gerado na relação entre os homens e que se mantém vivo nas escolas em virtude da troca entre professores e crianças, considerados seres em desenvolvimento” (ARENA, BOLETIM N.2, 2021, p.1). Em vista disso, a interação é a principal ação que contribui para a efetivação dessa aprendizagem e os enunciados que surgem nessas trocas são os que serão estudados.

Os enunciados são palavras concretas que compõem tanto a linguagem oral como a escrita. Para Bakhtin (1997, p. 282), o estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros tem a ver com “[...] as diferentes esferas da atividade e da comunicação: crônicas, contratos, textos legislativos, documentos oficiais e outros, escritos literários, científicos e ideológicos”.

O estudo do enunciado é visto por Bakhtin (1997, p, 288) como “em sua qualidade de unidade real da comunicação verbal, também deve permitir compreender melhor a natureza das unidades da língua (da língua como sistema): as palavras e as orações.” O enunciado surge nas relações dos indivíduos de forma que a cada novo enunciado compartilhado tem a sua importância e sentido, por isso, enquanto mais os indivíduos interagem, mais os enunciados são trocados.

Na 2ª seção, “De professor para professor”, o Dr. Dagoberto fala da Linguagem Escrita: Um artefato histórico e cultural onde antecipa e responde às perguntas que poderiam ser feitas ao trabalhar o processo de Alfabetização Humanizadora:

Como elaborar práticas que tenham por finalidade uma alfabetização humanizadora? Como não ensinar a pronúncia isolada do fonema e sua correspondência grafêmica? Como a criança vai colocar a letra no papel se ela não isolar o som e tomar consciência de seus pontos fisiológicos de sua articulação e de sua produção? Como ela vai escrever se não souber pronunciar algumas sílabas (as mais frequentes do tipo consoante + vogal - CV) e juntar uma à outra para formar palavras na escrita, ouvindo a sua própria pronúncia? Todas essas dúvidas, por serem tão frequentes, já trariam nelas mesmas os traços das respostas. Mas as respostas são dadas por olhares diferentes em campos diferentes (ARENA, BOLETIM N.2, 2021, p.2).

É por meio linguagem escrita que o aluno se expressa e coloca sentindo em sua ação, sendo que é a mente humana que se apropria de um artefato histórico e cultural, ou seja, a escrita é formada por elementos cheio de sentidos.

Por se situar no campo da educação, nas ciências humanas, e eleger a linguagem escrita como meio de trocas sociais, a alfabetização cuida da humanização da criança em formação, pelo estudo e a apropriação da constituição gráfico-ideológica dos enunciados e do desenvolvimento de uma consciência gráfica, isto é, um modo de pensar que percebe as funções dos caracteres, tão diversos quanto sejam as exigências das trocas, na criação e recriação de sentidos (ARENA, BOLETIM N.2, 2021, p.2).

Sobre o foco da Alfabetização Humanizadora, fica evidente que o professor não criará modelos para serem ensinados, evitando um ensino mecânico de escrita de forma que o seu ensino não se delimitará por etapas, mais sim pensará no aluno e naquilo que ele cria nas suas relações com a sociedade. Em relação ao que é prioritário ensinar e aprender na fase da alfabetização o Dr. Dagoberto diz que:

E, então como alfabetizar se não se ensinar os elementos técnicos constituintes da língua oral? Não são elementos, como considerou Vigotski, mais são unidades. E mais: o que interessa na aprendizagem são as unidades componentes da palavra escrita em vez das unidades da palavra oral. E não apenas as unidades-letras, porque são poucas para dar conta dos sentidos das palavras e dos enunciados e dos gêneros e de suas situações. São os caracteres, todos agora expostos pelo teclado dos celulares: os caracteres antigos - as letras, os pontos, os números, a dupla caixa (maiúsculas e minúsculas simultaneamente) de fontes variadas - e os mais jovens, os emojis, os gifs, os emoticons (ARENA, BOLETIM N.2, 2021, p.3).

Nesse sentido, o autor esclarece que o que interessa na aprendizagem da alfabetização é as unidades que compõem as palavras escritas e não simplesmente as letras e os seus sons. Porque as letras sozinhas são vazias de sentido e não conseguem transmitir o recado. Por isso, todos os caracteres como as letras, números, emojis e mais precisam estar disponíveis para os alunos, pois são eles que fazem sentido e são compartilhados nas trocas entre as pessoas.

Dessa forma, sobre a aprendizagem do ato de ler e escrever, podemos nos questionar: o que é prioritário ensinar e aprender? “Para nós, no processo de humanização, é necessário que a criança se aproprie do objeto culturalmente criado pelos homens na relação com os professores, colegas, familiares e com todos os demais de seu entorno” (ARENA, BOLETIM N.2, 2021, p.3). Esse objeto criado nas relações é a escrita, sendo importante para que os alunos se apropriem do ato de ler e escrever entendendo as suas funções de maneira que estejam realizando as suas próprias produções.



Imagem 2: Boletim N.2 Jan/Fev 2021 Eu Faço Assim

Fonte: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-02-janeiro-fevereiro-de-2021/>

Nesta seção, foi descrita uma atividade de escrita de textos com uma turma do segundo ano do fundamental, enviada pela professora Raquel Pereira Soares. Ela elaborou uma atividade em que os alunos fossem os protagonistas de suas produções, convidando-os para produzir um blog e publicar lides jornalísticos. Para a criação do blog foi necessário que eles conhecessem o que é lide, isto é, a primeira parte ou parágrafo da informação precisando ser composto por notícias essenciais sobre determinado assunto.

Com isso, a professora parte do princípio de que “é necessário introduzir a criança na produção de textos que perpassem a vida cotidiana tanto dentro como fora da escola, e, assim desenvolver um ensino vinculado ao cotidiano” (SOARES, BOLETIM N.2, 2021, p. 4), para que assim, os alunos possam conhecer os diferentes tipos de textos existentes se desenvolvendo e realizando as suas próprias produções, ou seja, se expressando e deixando de ser um receptor de informações para o protagonista de seu conhecimento.

A atividade da lide jornalístico foi elaborada com os alunos em duas etapas: na primeira, tiveram contato com um jornal, conhecendo o que o compõe, notando sua estrutura, lendo suas informações e entendendo como se dá sua organização. Partindo daí, começaram a segunda etapa, que foi planejamento do blog de modo que escolheram o nome do jornal, dos cadernos e o assunto de cada um.

Os alunos formaram duplas iniciando a primeira produção de escrita que foi feita com lápis e caderno. De acordo, com a professora mesmo “sem ter contato com o gênero ou estudá-lo de forma mais específica, inseriram em seus escritos seus saberes sobre o gênero” (SOARES, BOLETIM N.2, 2021, p. 4), de maneira que conseguiram produzir um texto somente pelos seus conhecimentos familiarizados ao longo do tempo. O resultado foi de um texto compreensível, mas ao mesmo tempo, muito parecido com os que compõem a cartilha, onde o sujeito é dito novamente a cada novo escrito.

Abaixo temos a primeira produção de texto de uma dupla do segundo ano do fundamental em período de alfabetização:

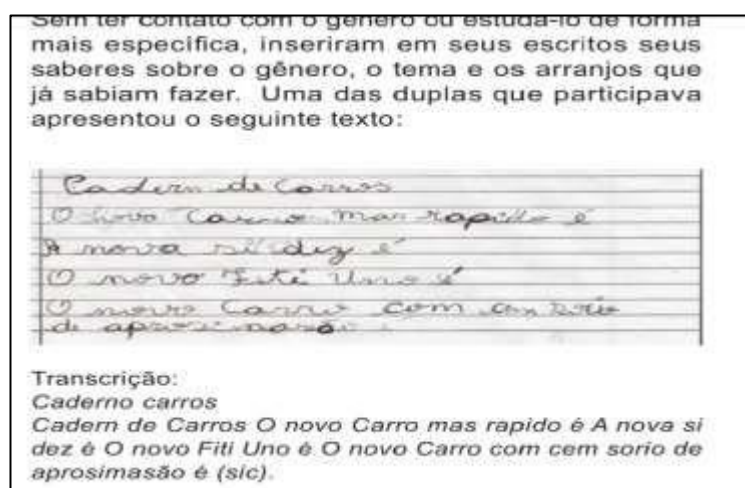


Imagem 3: Boletim N.2 Jan/Fev 2021 Eu Faço Assim

Fonte: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-02-janeiro-fevereiro-de-2021/>

Na imagem acima, pode-se notar que os alunos produziram um texto de maneira que quem o ler, consegue compreender, mas o sujeito acaba sendo repetido a cada frase e trazendo uma informação diferente. Por isso, se fez necessário que a professora trabalhasse novamente a produção de texto e explicasse os diferentes tipos de gêneros textuais existentes.

Para a realização da segunda etapa da produção de textos a professora explicou que:

Antes da produção da segunda escrita, aprenderam a planejar o texto, porque para escrever também é importante a ação de planejar, pensar nas ideias ou informações que serão colocadas ou descartadas, registrar as palavras-chave, ou seja, esse momento é essencial para a produção e precisa ser ensinado (SOARES, BOLETIM N.2, 2021, p.5).

Nesse sentido, a professora leu todas as produções de seus alunos, planejou aulas específicas, colheu informações sobre o tema e ensinou seus alunos a se organizar para suas produções de forma que compreendessem o que constitui o lide e como as palavras-chaves são importantes para que um texto seja bem constituído. Tanto a professora como os alunos passaram pelo processo de planejamento o que se faz fundamental para que o trabalho seja bem desenvolvido.

Abaixo temos a segunda produção de texto dos alunos em forma de lide jornalístico. A escrita foi elaborada no computador pelos próprios alunos.

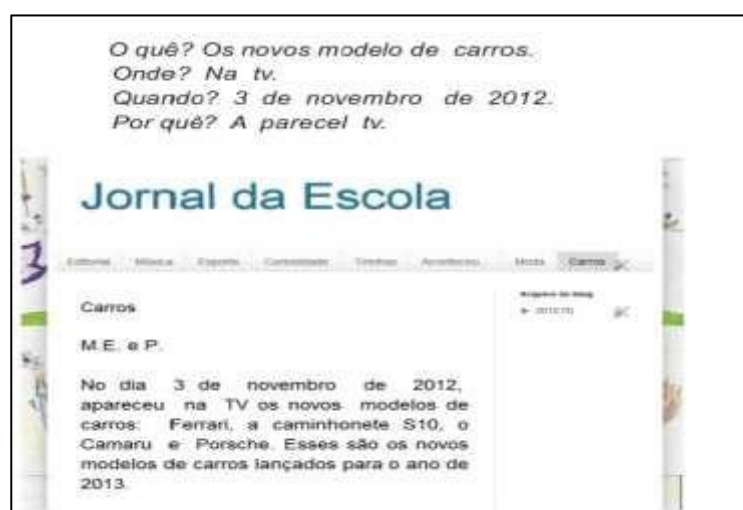


Imagem 4: Boletim N.2 Jan/Fev 2021 Eu Faço Assim Fonte: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-02-janeiro-fevereiro-de-2021/>

Nesta produção, os alunos responderam às perguntas que direcionam a estrutura do lide jornalístico: O que? Onde? Quando? Por quê? De maneira que o lide ficou mais claro. Por isso, tanto a primeira etapa da produção do lide como a segunda serviram para o desenvolvimento e aprimoramento dos alunos sobre a produção de escrita, de forma que contribuiu para uma escrita real e voltada para o que o aluno tem desejo de aprender.

Acreditamos se faz fundamental que atividades como essa façam parte do cotidiano dos alunos, favorecendo a sua participação e o contato com diferentes produções textuais, pois o aluno protagonista de seu conhecimento faz toda diferença de modo que atua junto do professor na construção de sua aprendizagem.



Imagem 5: Boletim N.2 Jan/Fev 2021 Mural Fonte: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-02-janeiro-fevereiro-de-2021/>

Na quarta seção denominada Mural são exibidos os comentários dos professores alfabetizadores sobre a temática discutida, o livro que pode ser trabalhado com os alunos em sala de aula e o compartilhamento de ideias, de forma que outros professores possam fazer uso dessas práticas contribuindo para a disseminação de uma alfabetização voltada a humanização.

3.2 Análise do Boletim 3



Imagem 6: Boletim N.3 Mar/Abr 2021 Editorial

Fonte: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-03-marco-abril-de-2021/>

Neste boletim, a Dr. Elianeth Hernandes discute que na sociedade contemporânea, a escrita e a cultura são ferramentas fundamentais para o processo de humanização dos indivíduos:

Como patrimônio cultural da humanidade, os usos sociais da linguagem escrita representam um direito a ser garantido a todos, desde os anos iniciais da escolarização básica. Garantir às crianças a aprendizagem dos usos sociais da linguagem escrita pressupõe incluí-las em diferentes práticas sociais, que possibilitam a aquisição de uma das mais importantes heranças culturais da humanidade (HERNANDES, BOLETIM N.3, 2021, p. 1).

Entendemos que aprender a escrever faz parte da formação do aluno de forma que desde os seus primeiros anos na escola, a professora precisa propiciar momentos em que o mesmo aprenda sobre a escrita ligada à sua cultura. É por meio do aprendizado da escrita que o indivíduo pode estar em diferentes contextos e fazer o uso da escrita para inúmeras situações nos acontecimentos do seu dia a dia.

Na 2º seção De professor para professor, a Dr. Elianeth Hernandes coloca uma provocação de que o B com A não fica BA e para responder a este questionamento, a autora diz que:

É que realmente 'B com A não fica BA', mas também que, ao contrário do que os propositores dessa frase pretendem nos fazer crer, B com A, não diz nada e não significa nada quando se trata do objeto de ensino da alfabetização - a linguagem escrita que realmente liga os homens em suas trocas e interações. Ou seja, o som registra e constitui o sentido nas trocas orais, onde ele é elemento fundante, já para a escrita os elementos fundantes são os caracteres (letras e demais sinais gráficos). Os sentidos quando registrados por sons - nas trocas orais-, ou por caracteres - nas trocas que envolvem a escrita-, pressupõem dois processos de aprendizagens distintos e específicos (HERNANDES, BOLETIM N.3, 2021, p.2)

A autora esclarece que B com A não significa nada, porque são apenas a junção de duas letras que ao serem lidas pelo aluno não leva a um pensamento ou objeto específico. De forma que B tem seu som de B e A seu som de A e ao serem escritas não forma um enunciado com sentido e o aluno, ao ficar nesse processo de juntar letras, não ajuda a evoluir e muito menos a escrever com sentido, pois, a repetição não o estimula e acaba o levando ao tédio.

Segundo a autora, "a linguagem escrita se vincula a linguagem oral pelos sentidos compartilhados entre os sujeitos sociais em situações dialógicas e não por elementos técnicos que pressupõem a capacidade de transformar letras em sons ou vice-versa." (NAHUM,2021, BOLETIM N.3, p.3) De maneira que é nas relações entre os indivíduos que essas linguagens fazem seu elo sendo essencial na presença da comunicação, da conversa e o contato entre eles. A vista disso a Dr. Elianeth Dias diz que:

O oferecimento desses materiais deve estar pautado em suportes de escrita, tais como revistas, jornais, livros, mensagens eletrônicas e outros que propiciem a interação com variados textos escritos. A linguagem escrita, na forma de enunciados, precisa ser oferecida aos alunos durante o ensino e a aprendizagem dos atos de ler e de escrever presentes nos diferentes gêneros textuais, porque ler e escrever são atos dialógicos que ocorrem entre sujeitos históricos e que, por isso mesmo, são fundamentais no processo de humanização dos homens. (NAHUM,2021, BOLETIM N.3, p.3)

Sendo assim, é importante que na sala de aula tenha a presença desses diversos materiais porque proporcionam conhecimentos, experiências e curiosidade nos alunos para que se tornem indivíduos participativos e estimulados a aprender.



Imagem 7: Boletim N.3 Mar/Abr 2021 Eu faço assim Fonte: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-03-marco-abril-de-2021/>

Nesta 3ª seção Eu faço assim, temos a descrição da atividade do uso do *WhatsApp* feita pela professora Sonia de Oliveira Santos para a sua aluna do primeiro ano do fundamental. A professora, antes de iniciar a relatar a atividade, destaca que o uso de dispositivos eletrônicos e aplicativos não são bem-vistos pelos professores que trabalham o processo de alfabetização. Sendo que para os alunos que se encontram neste processo “ao escrever uma mensagem no *WhatsApp*, a criança compreende a função primordial da linguagem escrita: o diálogo com o outro.” (SANTOS, BOLETIM N.3, 2021, p. 4). Em função disso, se faz necessário que ferramentas como essa estejam disponíveis porque estimulam a conversa, o contato com os caracteres e os enunciados de sentido vinculados ao seu cotidiano.

No aplicativo de *WhatsApp*, “a troca de mensagens ocorre em tempo real e a criança lida com uma linguagem híbrida, o que torna viável a sobreposição da linguagem verbal com a imagética e a sonora, o uso do teclado virtual, do banco de palavras, dos emojis...” (SANTOS, BOLETIM N.3, 2021, p. 4). Ao dialogar por mensagens, fazemos uso das letras, dos números, dos símbolos, dos emojis e mais recursos que estiverem disponíveis. A linguagem híbrida é essa mistura de elementos para o ato da conversação, sendo uma ação bastante praticável e com significado para os atuantes.

Para o relato desta atividade apresentou-se os prints da conversa da aluna Marcela com sua interlocutora chamada Kátia. Interlocutor é o indivíduo que participa da interação durante o ato da conversação. Para iniciar a atividade, Marcela escolheu

como quem gostaria de conversar e a professora a acompanhou na escrita, porque a Marcela ainda não escreve de modo convencional, ou seja, que não segue os padrões definidos pela escrita. Abaixo temos os prints iniciais da conversa:



Imagem 8 - Prints da conversa

Fonte: <https://nahumlescrever.com.br/boletim-03-marco-abril-de-2021/>

Esses prints mostram as tentativas de escrita da Marcela para responder à pergunta “Você gosta de estudar Marcela Clara?” No lado esquerdo vemos que ela tenta escrever o enunciado “Eu gosto de estudar”, mas sem a ajuda de sua professora e com isso faz o uso de diversas letras. Já na imagem que está do lado direito vemos a professora ajudando-a a escrever esse enunciado e destaca que a Marcela desconhece os caracteres-letras, por isso mostra para ela no teclado as letras E e U que formam EU e em seguida a letra G da palavra “Gosto”, sendo que no banco de palavras aparece a palavra “Gosto” pronta e a professora ajuda sua aluna a encontrá-la.

Citando Bajard, a professora explica que “os caracteres utilizados por ela são unidades, visualmente componentes de um enunciado pleno de sentido” (BAJARD apud SANTOS, BOLETIM N.3, 2021, p. 5) este tipo de exercício ajuda a compreensão da escrita porque são palavras que a criança conhece, faz parte do seu cotidiano e carrega um sentido, principalmente ao ser utilizada por ela para responder à pergunta feita por sua interlocutora.



Imagem 9: Prints da conversa

Fonte: <https://nahumlescrever.com.br/boletim-03-marco-abril-de-2021/>

Nesta imagem acima podemos perceber que para Marcela responder à pergunta, ela entrou em contato tanto com os caracteres letras como os números, símbolos e emojis, formando assim um conjunto de caracteres. Ao final da escrita do enunciado “Eu gosto de estudar”, a mesma faz uso do emoji (de joinha) que significa positivo, sim, algo afirmativo, ajudando-a a notar que tanto as letras como os emojis podem ser usados para responder uma pergunta.

É importante ressaltar que para que Marcela conseguisse terminar a escrita do enunciado “Eu gosto de estudar”, foi utilizado o banco de palavras porque nele a palavra já vem pronta e a professora somente teve que ajudá-la a encontrar. Podemos notar que o banco de palavras tem um grande papel para a construção do enunciado, sendo fundamental a sua prática pois, contribui para a escrita dos alunos.



Imagem 10: Print da conversa

Fonte: <https://nahumlescrever.com.br/boletim-03-marco-abril-de-2021/>

Em relação ao uso do espaço em branco, a professora Sônia explica que “outro caractere importante ressaltado pelo teclado virtual dos smartphones, porém negligenciado no início da alfabetização, é o espaço em branco” (SANTOS, BOLETIM N.3, 2021, p. 5), que acaba sendo deixado de lado, de maneira que os alunos passam mais tempo tentando aprender o nome das letras e demais funções da mesma. E assim, ao escrever, apresentam dificuldades de forma que as palavras ficam todas juntas e ao perguntar do aluno o que diz, não consegue ler. Por isso, ensinar a importância do espaço em branco para o aprendizado da escrita é essencial para que os alunos realizem suas produções podendo compreendê-las.

Ainda na imagem acima, vemos que a aluna Marcela está tentando fazer uma pergunta para a Kátia com isso (Eo) para ela significa “você está”. E no banco de palavras localiza a palavra bem, porém sua pergunta se vê incompleta. Observamos que para que a pergunta esteja escrita da maneira correta está faltando algumas letras que compõem esses dois enunciados que precisam ser inseridos.

Na imagem abaixo vemos a produção da pergunta com a ajuda de sua professora:



Imagem 11: Print da conversa

Fonte: <https://nahumlescrever.com.br/boletim-03-marco-abril-de-2021/>

Para que Marcela possa escrever a palavra “está”, sua professora mostra no teclado os caracteres “E” e “S” com o intuito de que a palavra surja pronta no banco de palavras podendo ser utilizada. A professora destaca que “a inserção do espaço

em branco ajuda Marcela a elaborar o conceito de palavra” (SOARES, BOLETIM N.3, 2021, p. 5), de maneira que ao dar espaços entre os caracteres, a mesma consegue compreender que se tem diferentes vocábulos a cada espaço dado.

Por isso, “esse modo de lidar com a escrita também cria condições para a escolha da grafia convencional. O espaço em branco é um caractere inteiramente visual e só tem função dentro do enunciado” (SOARES, BOLETIM N.3, 2021, p. 5). Ao ser usado pelos alunos, o espaço branco vai construindo a percepção de construção textual que é necessária para que a escrita possa ser lida.

A professora explica que “os usos dos dispositivos digitais alteram o modo de como ela lida com a escrita, o seu modo de pensar e amplia as possibilidades de sua inserção no mundo da cultura escrita e no mundo digital (SOARES, BOLETIM N.3, 2021, p. 5), justificando o uso de dispositivos eletrônicos porque eles estimulam a aprender a escrever. As crianças se sentem curiosas e com vontade de conhecer, pois o que é novo os instiga e quando ocorre o interesse, muitas expectativas de aprender vão surgindo nesse processo.

Levar para a sala de aula diferentes ferramentas para serem trabalhadas contribui para alunos mais interativos e participativos. Sabemos que os dispositivos eletrônicos têm seu lado bom e ruim, por isso a professora precisa ter sempre em mente como irá agir com tal ferramenta e nesse boletim podemos notar uma ótima opção de como trabalhar o uso de um aparelho celular na alfabetização.

Ao falar que esses dispositivos têm seu lado bom e ruim é porque o uso do celular atualmente é visto como uma distração, sendo que esse aparelho, quando trabalhado de forma positiva, pode trazer benefícios para o seu desenvolvimento e aprendizagem, de modo que os ajudem a escrever com mais autonomia.

MURAL
DIÁLOGO COM OS LEITORES

"O que mais me chamou a atenção no boletim foi a questão da Alfabetização humanizadora. Muito interessante essa forma de alfabetizar. A Hora e a vez das crianças humanizam-se também me chamou muita atenção. Está provado que a criança aprende com o meio em que vive. Portanto, nessa fase da alfabetização, faz-se necessário oferecermos às crianças uma grande diversidade de materiais para que possam desenvolver as suas capacidades e habilidades. É quanto maior for o envolvimento das crianças com as mais variadas produções culturais, mais terão a chance de dominar a língua materna e, conseqüentemente, compreender de forma consciente o meio em que vive". **Professora Marinete Corrêa Santos** - UEB Agostinho Vasconcelos - São Luis -MA

"O boletim alfabetização nos ajuda a refletir sobre esse momento tão importante quão complexo da infância. O compartilhamento de experiências de outros docentes, em particular, nos ajuda a vislumbrar na prática a importância de um ensino baseado também em textos cotidianos, como jornais, bem como a importância do fazer e refazer, colocando em prática novas habilidades adquiridas a partir dos estudos". **Professora Talita Martins Faria Marques** - Cap-ESEBA/UFU, Uberlândia-MG

LITERATURA NA RODA

A leitura de um livro é, ao mesmo tempo, o encontro com o outro e o encontro com uma parte da cultura

escrito, bem como desenvolvendo sua capacidade de compreensão não apenas acerca do conteúdo lido, mas também de si mesma e de seu papel no mundo em que vive.

Diante dessa constatação, faz-se necessária a adoção, na escola, de propostas de leitura que contribuam para que as crianças se libertem de técnicas reducionistas, que não geram de fato leitura, como a decodificação (decifração do código escrito), a oralização (conversão do registro escrito em um desencadeamento oral) e a vocalização (tradução em voz alta do que já foi compreendido pela leitura) e encontrem a possibilidade de vivenciar a leitura como atribuição de sentido ao enunciado - texto escrito.

Além disso, ler uma nova versão de um conto clássico possibilita às crianças perceberem que existe mais de um ponto de vista sobre uma história. No da obra abaixo, a Chapeuzinho ingênua e inocente do conto tradicional se transforma numa garota perspicaz e corajosa, capaz de enfrentar perigos com recursos próprios, enganando o Lobo Mau e deixando-o incapaz de lhe causar medo.

Uma Chapeuzinho Vermelho



Fonte: LERAY, M. Uma Chapeuzinho Vermelho. Companhia das Letrinhas, 2012.

COMPARTILHANDO IDEIAS
Uma boa dica para fazer cartões pos-

Imagem 12: Boletim N.3 Mar/Abr 2021 Mural

Fonte: <https://nahum-lescrever.com.br/boletim-03-marco-abril-de-2021/>

Nesta 4ª seção, temos os comentários dos professores sobre a temática discutida, a dica de um livro para ser trabalhado com os alunos em sala de aula e o compartilhamento de ideias para os professores alfabetizadores. Dos comentários deste mural, destacamos o da professora Talita Martins Faria Marques-CapESEBA/UFU, Uberlândia-MG.

Que diz que "o boletim alfabetização nos ajuda a refletir sobre esse momento tão importante, quão complexo da infância. O compartilhamento de experiências de outros docentes, em particular, nos ajuda a vislumbrar na prática a importância de um ensino baseado em textos cotidianos [...]" (FARIA, BOLETIM N.3, 2021, p. 6).

Com isso entende-se que os boletins do NAHum fazem com que as professoras alfabetizadoras reflitam sobre a importância da alfabetização, as metodologias que vem sendo utilizadas e porque alfabetizar com uma preocupação da humanização das crianças de maneira que elas estejam aprendendo os atos de leitura e escrita com textos que fazem parte do seu dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema Alfabetização Humanizadora é relevante pois tem ofertado discussões e indicações quanto ao uso dos textos em sala de aula, onde ela se faz mais importante, que é a questão do desenvolvimento do educando tanto na questão acadêmica como pessoal.

No entanto, cabe a professora fazer o uso Alfabetização Humanizadora, propor situações significativas diárias, avaliando-as a fim de detectar progressos e avanços, elucidando a forma de como integrar a leitura e escrita no cotidiano escolar das crianças em fase de alfabetização.

Nossa expectativa é de que essa pequena contribuição possa vir a somar as demais que já existem e contribuir com a questão tão importante como a ampliação de propostas que pensem a criança como ser capaz, como a Alfabetização Humanizadora.

A prática de propostas que considerem a Alfabetização Humanizadora pode ajudar a desenvolver as habilidades que os docentes deve ter, além de promover um novo ambiente de ensino, proporcionando o uso de práticas educacionais para ajudar as crianças a se apropriarem da escrita e da leitura, por isso a professora também precisa de conhecimento e estratégias que possam ressignificar a dinâmica dos conteúdos, para que seja repassada com criatividade e estímulo ao aluno.

Pois quanto mais ampla, rica e diversificada à experiência que possibilitarmos à criança, mas ela terá condições de se tornar um ser humano ativo, sujeito de suas percepções e relações sociais.

Constatamos que a discussão sobre a Alfabetização Humanizadora está alicerçada em um mundo voltado às novas metodologias, onde elas buscam novos conhecimentos e a função da professora é preparar e ajudar seus alunos no seu desenvolvimento, ampliando o que eles já sabem, pois, os mesmos já têm o contato com a leitura no seu cotidiano.

A questão da leitura e escrita nos remete a várias reflexões, onde para alfabetizar os alunos, as professoras precisam não apenas possuir formação inicial, mas deve em sua prática pedagógica trabalhar com métodos de leitura que viabiliza o

avanço educacional dos alunos, ampliando seu saber por meio de formação continuada.

Acreditamos que esta pesquisa pode ser considerada de relevância para a formação acadêmica, pois nos ajudou a aprofundar os estudos sobre as dificuldades de leitura e escrita dos alunos dos anos iniciais e sobre o trabalho das professoras que atuam nessa área, a qual poderão melhorar e inovar seus métodos de leitura para serem trabalhados em uma sala de aula.

Concluimos que a Alfabetização Humanizadora é de suma relevância pela sua contribuição na aprendizagem das crianças. Defendemos que se faz necessário trabalhar com esta abordagem desde o ingresso da criança nas instituições de educação nos anos iniciais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana B. C. et al. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ARENA, Adriana Pastorello Buim. **Alfabetização humanizadora: vez e voz as crianças**. Boletim N.4 Mai./Jun./2021.

ARENA, Dagoberto Buim. Freinert e Vigotski: convergências no campo da linguagem. In: ARENA, Adriana Pastorello Buim; RESENDE, Valéria Aparecida Dias Lacerda de et.al (orgs). **Por uma pedagogia Freinert: bases epistêmicas e metodológicas**. São Carlos: Pedro & Joao Editores, 2021.

ARENA, Dagoberto Buim; SOARES, Raquel Pereira. **Alfabetização humanizadora: vez e voz as crianças**. Boletim N.2 Jan./Fev./2021.

BAJARD, Élie. **A descoberta da língua escrita**. São Paulo: Cortez, 2012.

BOTO, Carlota. Apresentação. In: MORTATTI Maria do Rosário Longo et.al (orgs). **Alfabetização no Brasil: uma História de sua História**. Marília: Cultura acadêmica editora, 2011.

BRASIL, **Lei De Diretrizes E Bases Da Educação Nacional**. LEI Nº 9.394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 10 fev 2023.

BRASIL, MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CAGLIARI, C. Alfabetização: O duelo dos métodos. In: SILVA Ezequiel Theodoro da et al (orgs). **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas: Autores Associados, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 11.ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a pratica**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CHARTIER, Anne-Marie. Parte II. In: MORTATTI Maria do Rosário Longo et.al (orgs). **Alfabetização no Brasil: Uma História de sua História**. Marília: cultura acadêmica editora, 2011.

FERREIRO, Emília. O momento atual é interessante porque põe a escola em crise. [Entrevista concedida a] Márcio Ferrari. **Nova Escola**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/238/emilia-ferreiro-o-momento-atual-e-interessante-porque-poe-a-escola-em-crise> Acesso em 23 jan. 2023.

FILHO, Urbano Cavalcante; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **Língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem)**. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/conel/article/view/2014> Acessado em 16 de janeiro de 2023.

FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira; BENEVIDES, Araceli Sobreira. **Alfabetização de crianças**: dos métodos à alfabetização em uma perspectiva de letramento. V Fórum Internacional de Pedagogia. Vitória da Conquista-BA. Anais v. 1, p. 1-12, jun., 2013.

FRADE, I. C. A. S. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. **Revista Educação**. Santa Maria. Vol. 32. n.1. p. 21-39. 2007.

FRADE, Isabel C. Parte II. In: MORTATTI Maria do Rosário Longo et.al (orgs). **Alfabetização no Brasil**: Uma História de sua História. Marília: Cultura acadêmica editora, 2011.

GATTI, B. A. Formação Continuada. In: **Letra A - O Jornal do Alfabetizador**. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). UFMG: Belo Horizonte, MG.mar./abr. de 2014 - Ano 10, n.º37. Edição Especial.

GIL, Antonio Carlos, 1946 – **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

HERNANDES, Elianeth D. Kanthack; SANTOS, Sônia de Oliveira. **Alfabetização humanizadora**: vez e voz as crianças. Boletim N.3 Mar./Abr./2021.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estruturas e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos – **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MENDONÇA, O. S.; MENDONÇA, O. C. **Alfabetização - Método Sociolinguístico**: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2007.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. **A Eficiência do Método Sociolinguístico**: Uma Nova Proposta de Alfabetização. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40145/1/01d16t10.pdf> Acesso em 12 dez. 2022.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. **Percurso Histórico dos Métodos de Alfabetização**. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40137/1/01d16t02.pdf> Acesso em 15 dez. 2022.

MENDONÇA, Onaide Schwartz. **Psicogênese da Língua Escrita: Contribuições, Equívocos e Consequências para a Alfabetização**. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40138> Acesso em 20 dez. 2022.

MILLER, Stela. **Alfabetização humanizadora**: vez e voz as crianças. Boletim N.1 Nov./Dez./2020.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Educação e Letramento**. São Paulo: Unesp, 2004.

PETRUCCI, A. **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da et al (Org.). **Alfabetização no Brasil**: questões e provocações da atualidade. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SYLVESTRE, Viviane Fernanda. **A emergência do pluralismo teórico-metodológico na alfabetização**: em busca de uma prática pedagógica para formar escritores. 2010. 161 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2010.

VYGOTSKI, Lev S. *Obras Escogidas III*: problemas del desarrollo de la psique. Madrid: Visor, 2000.